

Cinemas novos de verdade

Por Carlos Gerbase*

Não agüento mais falar (nem ouvir falar) de cinema novo, de novéle-vague, de maio de sessenta e oito, de Glauber e de Godard. Daqui a vinte anos, quando estivermos comemorando cinquenta anos dessas coisas todas, proponho voltar ao assunto, fazer novos debates, rever os filmes (menos "Terra em transe", se me permitem). Até lá, prefiro falar dos novos de verdade. Alguém aí já ouviu o ultimo Massive Attack, o novo Sonic Youth, o 2.0 do Garbage, a estréia do Júpiter Maça? Ah, o assunto é cinema, e não música, e você detesta essas novidades barulhentas... Mas é a mesma coisa: tão idiota quanto dizer que a revolução cinematográfica parou em "Acossado" é afirmar que o disco de rock definitivo é "The Dark Side of the Moon".

Assim, prefiro divagar um pouco sobre novidades de verdade, pensar um pouco sobre o que os últimos anos trouxeram de bom para o cinema. Ou, continuando na montagem paralela do parágrafo anterior, qual é o equivalente cinematográfico do trip-hop, do techno e do drum'n'bass? Se você vai ao videoclube, hoje, pensando em pegar um filme que contenha inovações formais e alguma experimentação narrativa, sem cair na enrolação estética da "videoarte", vai pegar o quê?

Tenho algumas sugestões. A primeira delas é "Estrada perdida", de David Lynch, um cara corajoso, bastante esquisito, e que neste filme substitui a sua necessidade recorrente de bancar o moderninho por um trabalho maduro, coerente e desconcertante. Qual é a "novidade" de "Estrada perdida"? É dar um passo a mais na vereda proposta por Buñuel (outro inovador subestimado), que usou duas atrizes diferentes para o mesmo papel. A inovação é que, no filme de Lynch, os demais personagens percebem a troca e isso influi na trama. Eu adoraria ver um daqueles debates entre psiquiatras que gostam de cinema a partir de uma sessão de "Estrada perdida".

A segunda é "Crash", de David Cronenberg. Conheço muita gente que simplesmente detestou o filme e nem viu até o fim. Ponto para David Cronenberg. Hoje em dia, para incomodar alguém é preciso competência. "Crash" consegue ainda a façanha de inovar muito mais pelo conteúdo do que pela forma. Lembram quando Ayrton Senna foi tirado do carro e ficou ali deitado no asfalto, com os caras tentando salvá-lo de qualquer maneira, abrindo um buraco na garganta, etc.? Alguém aí sentiu-se incomodado? Duvido. Estávamos todos torcendo para que a câmera do helicóptero conseguisse um plano mais fechado. É ou não é? "Crash" é sobre isso, sobre a beleza de tanatos, sobre a feiúra de eros. Cronenberg nem sempre acerta, mas ele ousa como poucos. Sem ousadia, ninguém inventa nada.

A terceira é um clássico: "Pulp fiction". Tarantino já entrou e saiu de moda umas quatro vezes depois desse filme, até já fez outro, mas é em "Pulp fiction" que encontramos as melhores sacadas de roteiro dos últimos tempos, principalmente em relação ao tempo diegético. Dificilmente esquecerei o comentário de duas velhinhas horrorizadas que estavam atrás de mim no cinema: "Mas que filme ruim! Esse homem já morreu!". Pois é, para nossa sorte, o cinema ainda é capaz de horrorizar velhinhas com simples articulações narrativas inventadas pela literatura no começo deste século. Tarantino não é um gênio, mas é o cineasta mais bem humorado que apareceu por estas bandas desde Woody Allen. Rever "Pulp fiction" com o roteiro ao lado (saiu em livro) é uma boa pedida.

A quarta é "Fargo", dos irmãos Cohen. A novidade é que os caras fizeram um filme muito inteligente, em que todos os personagens, sem exceção, são débeis mentais. É uma espécie de "O enigma de Kaspar Hauser" coletivo. Os Coehn mostram que boa parte dos seres humanos estão trancados

em quartos escuros desde que nascem e que, quando tentam sair, cegos pela luz e abobalhados pela realidade, tem uma inocência tão trágica quanto cômica. Assim como “Gosto de sangue”, “Barton Fink” e “Ajuste final”, “Fargo” aposta na construção dos personagens como base da trama, o que não é nenhuma novidade, mas que, considerando a absoluta verossimilhança da debilidade mental de todas as criaturas, vale a pena esperar outras obras-primas de seus geniais criadores.

A quinta é “Boogie nights”, de Paul Thomas Anderson. Anderson, aparentemente, é um Tarantino com ideologia, ou um Altman com juventude. “Boogie nights” é o filme mais divertido dos últimos tempos e pode ser colocado tranqüilamente na galeria dos grandes filmes sobre cinema já realizados no mundo. A novidade é que Anderson é capaz de falar de sexo e drogas com muito deboche, ao mesmo tempo que, ao contrário do cínico Tarantino, mantém um olhar carinhoso humanístico sobre seus personagens. Além disso, coloca em cena Nina “Muito Além dos Limites” Hartley (atriz e diretora da indústria de vídeo pornô), ressuscita Burt “Amargo pesadelo” Reynolds e cria umas duas dúzias de personagens coadjuvantes de primeira qualidade. “Boogie nights” também é uma espécie de “Singing in the rain” do cinema erótico, ao retratar um momento de ruptura e renovação nos meios de produção do cinema, com suas inevitáveis conseqüências estéticas.

Cronenberg é canadense. Lynch, Tarantino, os irmãos Cohen e Anderson são todos americanos. Será que os “cineastas novos” dos anos 90 são todos porcos imperialistas anglo-saxões a serviço de Hollywood? Acho que quase sempre sim. Acho que nós, latinos, estamos cada vez mais perdidos entre a tentativa desesperada de nos globalizarmos alegremente no santo mercado - ou pelo menos fazer de conta (como em “For all”, “Buena sorte” e “O homem nu”, apenas para lembrar títulos brasileiros do último Festival de Gramado) - e a experimentação que já nasce de costas para o mercado (“Bocage, o triunfo do amor”, também de Gramado/97).

Só que agora, lembrando ainda de Gramado/97, me vêm à memória dois filmes corajosos e inovadores: o peruano “Bajo la Piel” (de Francisco

Lombardi) e o brasileiro “Os matadores” (de Beto Brant). O que é uma prova de como sou colonizado culturalmente (as vezes é preciso dar razão ao Jesus Pfeil). Mas tem uma diferença: enquanto os cinco filmes anglo-saxões anteriormente citados tiveram distribuição mundial, estes dois cucarachas mal foram vistos em seus próprios países. Ó vida, ó dor... E tem mais uma diferença: não tenho mais tempo nem espaço pra dizer porque esses dois filmes são “novos”. Fica pra depois, estou com tanta preguiça... Enquanto isso, veja de novo o velho e bom “Macunaíma” (de Joaquim Pedro de Andrade, da velha turma do Cinema Novo...). E não se esqueça: o novo sempre vem, só que no Brasil demora mais um pouquinho.

* Cineasta, Músico,
Professor da FAMECOS - PUCRS